A CLASSE OPERÁRIA

ÓRGÃO DO COMITÊ CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

Nº 75 Julho de 1973 ANO IX

Farsa Intolerável

Médici resolveu anunciar a "instauração oficial do processo sucessório": encaminhou ao Congresso o projeto de regulamentação do Colégio Eleitoral e indicou o general Ernesto Geisel para substituí-lo em março de 1974. Dias depois, chamou ao seu gabinete o senador Filinto Muler, presidente da ARENA e incumbiu-o de comunicar a seus coreligionários que ele Médici, havia também deliberado apontar o general Adalberto Pereira dos Santos para o posto de vice-presidente da República.

Falando "na condição de responsável, em grau eminente, pela continuidade revolucioná ria" o ditador de plantão expôs o método que seguiu para a escolha. Primeiro, disse ele, c gitou do candidato e das qualidades que devia possuir a fim de assegurar "a tranquilidade s cial e política" reinante, e depois se deteve no nome de Geisel, por preencher aquelas qua- lidades e "por ter completa certeza" de que não permitirá qualquer desvio "na filosofia eco nômica, social e política da revolução". Por fim, afirmou que a receptividade ao nome apon tado registrara "consenso geral".

Imediatamente elevou-se o coro dos áulicos da ditadura em aplauso à indicação dos do generais para ocuparem por cinco anos a direção suprema do país. "A solução não constituiu surpresa", "foi a mais natural", "de fato houve consenso geral" — comentaram em todos os to os bajuladores. O Serviço de Relações Públicas do Palácio do Planalto passou a difundir so rateiramente que Geisel era um nacionalista, homem do diálogo, que estava desejoso de inici ar a "abertura democrática". Não obstante, alguns círculos das classes dominantes preferira aguardar melhores indícios a respeito da anunciada sucessão e das tendências dos próprios c ditados. O MDB entrou numa fase de agudas controvérsias para saber que rumo tomar ante a m neira insólita como foi colocada a questão sucessória.

As forças populares nunca tiveram dúvidas sobre o caráter do regime e os propósitos dos militares no Poder. Tampouco se iludiram com a nova "rendição de guarda" que se avizi- nhava. Para elas, a forma de substituição do Presidente em exercício inspirada por Garras tazu seria mais uma farsa revoltante, desembocaria numa decisão do mais puro estilo fascis- ta. Agora, todos podem comprovar que a chamada sucessão presidencial, sob a regência dos generais, equivale a uma espécie de operação militar contra o povo. Desapareceram até os antigos disfarces destinados a conservar as aparências e embair a opinião pública. Mesmo aquele arremedo de plebiscito que houve entre os oficiais das Forças Armadas, depois do a- fastamento de Costa e Silva e de Pedro Aleixo, para a indicação de seus substitutos, a di- tadura já não tolera, considerando-o inconveniente. O "processo sucessório" se faz apenas entre escalões superiores bem reduzidos. A consulta é muito mais fechada que antes. O anun ciado "consenso geral" significa simplesmente que houve um acordo das principais facções dos oficiais de quatro estrelas que disputavam a presidência da República.

Médici quis impor um elemento de sua camarilha para suceder-lhe. Contava, natural- mente, com o apoio dos seus patrões norte-americanos. Mas sofrera enorme desgaste político Sua face de verdugo odioso descobrira-se quase por completo. Nem seus fanáticos partidári se atreviam mais a lembrar sua propalada popularidade. Teve de ceder, aceitando o nome de Ernesto Geisel, irmão do atual ministro do Exército. Contentou-se com a indicação do vice, Adalberto Pereira dos Santos, que faz parte da sua grei.

Não foi fácil, porém, chegar ao compromisso. Até há pouco tempo, continuavam as ma- nobras e barganhas. O ajuste acabou se concretizando, com o objetivo de prosseguir na fas- cistização do aparelho do Estado e dar firme proteção ao capital estrangeiro no Brasil. Te- merosos da ação popular, os militares tratam de impedir qualquer brecha no arcabouço do si tema repressivo ou o mais insignificante desvio na "filosofia" pró-imperialista e antipopu lar dos governantes.

O fator determinante do "consenso" dos generais reside na forte inquietação em que se encontram diante da situação interna e externa cada vez mais difícil do regime. No paí

FARSA INTOLERÁVEL (Continuação da la. página)

cresce o descontentamento em consequência do agravamento das condições de vida, da carestia, da falta dos mais elementares direitos democráticos, das violências, das absurdas imposições fascistas, da brutal alienação do trabalho e das riquezas nacionais em benefício de poderosos trustes. A recente demissão do ministro da Agricultura, Cirne Lima, e sua carta denunciando a política entreguista do governo, assim como as reclamações de pecuaristas e industriais contra o Ministro da Fazenda, demonstram que o governo perde apoio de importantes setores das classes dominantes. E no campo internacional, a posição da ditadura brasileira é de desprestígio e isolamento. Indubitavelmente, essa situação levou as facções militares a abafar momentaneamente seus apetites e a se unir em torno do nome de Ernesto Geisel para salvaguardar os interesses maiores dos imperialistas ianques, dos latifundiários e da grande burguesia brasileira.

A forma arrogante, tipo ucasse, como Médici deu a conhecer a "solução Geisel" mostra que de fato houve o ajuste, revela seu sentido e indica que será aplicado rigorosamente pelas partes, na base dos esquemas e cronogramas estabelecidos. O presidente pré-escolhido é um general formado nos esconsos gabinetes dos serviços secretos do Exército, reacionário de quatro costados, golpista desde antes de 1964 e um dos sustentáculos do regime de terror e violências implantado com o golpe de 1º de abril. Possui realmente as "superabundantes" credenciais para cumprir o mandato de seus comparsas. Adalberto Pereira dos Santos é outro general do mesmo naipe, integrado de corpo e alma no Sistema e cúmplice de seus crimes. Como vice-presidente, tem a missão de impedir que o regime venha a cair, no caso de qualquer impedimento de Geisel, nas mãos de políticos civis sempre suspeitos aos militares de veleidades liberais, embora reacionários empedernidos. O mutismo dos dois candidatos, suas negativas de fazer pronunciamentos, são sinal de que cumprem os planos de campanha, seguem o convencionado no conluio estabelecido e dão a verdadeira imagem do que pode o povo esperar do novo governo. Seria completa cegueira e a pior das ingenuidades supor que eles pudessem sequer contrariar as forças que os engendraram e promoveram.

Quanto ao projeto de regulamentação das eleições indiretas, é outro aspecto monstruoso da farsa encenada. Visa a evitar surpresas e todo debate de nomes, programas, idéias ou coisa parecida no chamado processo sucessório. Quase tão-somente poderão ser designados como delegados-eleitores das Assembléias Legislativas ao Colégio Eleitoral os representantes da ARENA. E seus mandatos não serão deliberativos, mas sim imperativos. O projeto praticamente já foi aprovado, apesar das ilegalidades flagrantes que contém, porque esta a vontade dos generais. Desse modo o MDB, partido oficial da oposição, fica impossibilitado de exercer o papel que lhe fora atribuído.

A formalidade da sucessão presidencial arquitetada pela ditadura é um escárneo aos sentimentos e aspirações da imensa maioria dos brasileiros, um aviltamento à Nação. Um país como o Brasil, que já ultrapassou a casa dos 100 milhões de habitantes, cujo povo tem uma bela tradição de luta pela liberdade e anseia ardentemente progredir e ser culto, está novamente ameaçado de ficar jungido por mais cinco anos ao arbítrio, ao despotismo de meia dúzia de generais fascistas.

Todos os democratas e patriotas devem repelir a farsa humilhante, não podem jamais aceitá-la como fato consumado. Há forças consideráveis dispostas a protestar contra essa afronta intolerável e a ela resistir. Impõe-se que todos se unam, se levantem e defendam sem vacilação a causa da liberdade. Para livrar o país de tanta vergonha e ignomínia é preciso recorrer às mais variadas formas de luta a fim de pôr abaixo a ditadura militar.

==============================

RÁDIO TIRANA : 31 e 42 metros
Das 20 às 21 hs. e das 22 às 23 hs.

RÁDIO PEQUIM : 25 e 31 metros
Das 19 às 20 hs. e das 21 às 22 hs.

SOLIDARIEDADE

Por motivo do assassinato pela polícia de quatro dirigentes comunistas, ocorrido em fins do ano passado, o camarada EnverHodja, em nome do Comitê Central do Partido do Trabalho da Albânia, enviou,em janeiro, ao Comitê Central do Partido Comunista do Brasil um telegrama de condolências, e de apoio à luta do nosso povo.

Este telegrama, lido pela Rádio Tirana, foi publicado na imprensa albanesa e em vários jornais do exterior, especialmente da Europa. É um pronunciamento imbuído de elevado espírito internacionalista e de grande fraternidade proletária que calou fundo no coração dos revolucionários brasileiros. Seu texto é o seguinte:

"Queridos camaradas. Com profunda amargura o nosso Partido e o nosso povo tomaram conhecimento, há poucos dias, da perda dos destacados combatentes revolucionários e dirigentes do Partido Comunista do Brasil, camaradas Carlos Danielli, Lincoln Oest, Luís Guilhardini e Lincoln Roque, os quais deram heroicamente a sua vida pela liberdade, pela independência e pelos direitos sociais do povo brasileiro. O assassinato bárbaro destes combatentes da liberdade é um ato de desespero do regime fascista, que tenta impedir o desenvolvimento da luta revolucionária do povo brasileiro. Os comunistas e o povo albaneses acompanham com simpatia, apoiam sem reservas a justa luta dos revolucionários brasileiros e denunciam energicamente as ações de terror cometidas contra eles. Expressamos a nossa confiança inabalável de que os atos desesperados e bárbaros da ditadura fascista, cuja derrota é inevitável, não poderão jamais impedir a vaga sempre crescente da luta armada revolucionária do povo brasileiro. Milhares de novos combatentes manterão no alto a bandeira dos camaradas caídos com glória no campo de batalha, e conduzirão à vitória a sagrada causa pela qual eles não pouparam inclusive a própria vida."

Exército do Povo

O Exército Popular da Albânia comemora festivamente este mês o 30º aniversário de sua formação. É um acontecimento de enorme significado para a heróica nação socialista da Europa, bem como para o movimento revolucionário mundial. A criação dessa força armada constitui um dos capítulos mais gloriosos da luta de libertação da Albânia e da salvaguarda de sua soberania. As correntes populares do Brasil compartilham das manifestações de alegria do povo albanês, ao qual estão ligadas por laços de amizade e solidariedade.

O processo de organização do Exército Popular da Albânia e sua trajetória nestas três décadas encerram riquíssimos ensinamentos. Como se recorda, nesse pequeno país ocupado pelas tropas fascistas italianas e, depois, pelas alemães, cujos governantes serviam aos invasores, os grupos e destacamentos guerrilheiros que combatiam os agressores transformaram-se, em menos de dois anos e em plena guerra, numa força militar regular, sólida, disciplinada, hábil e destemida que travou inúmeras batalhas, derrotando os exércitos estrangeiros e seus lacaios internos. Em novembro de 1944, já possuindo 70 mil homens, o Exército albanês, de vitória em vitória, libertava o território da Pátria, contribuía decisivamente para a proclamação da República Popular e ajudava os povos da Iugoslávia em sua luta antifascista, indo em perseguição das tropas germânicas que lá se encontravam. Após a libertação, nos anos de reconstrução econômica, de edificação do socialismo, de profundas modificações em toda a vida do país, o Exército Popular manteve-se fiel às instituições políticas e sociais do novo regime, tornou-se a firme espinha dorsal da ditadura do proletariado. Em consonância com as massas trabalhadoras, de quem é filho querido, participa das tarefas de construção e, simultaneamente, aperfeiçoa sua capacidade militar, política e ideológica a fim de que o povo continue dono de sua terra.

Feitos tão extraordinários se devem indiscutivelmente ao fato de que o Exército Popular tem um caráter diferente das Forças Armadas da burguesia, pertence aos operários e camponeses, está subordinado ao Estado Socialista e ao Partido do Trabalho da Albânia. Durante o perído da guerra, muitas mulheres e praticamente todos os homens válidos incorporaram-se às suas fileiras, participaram de ações de vários tipos, ajudaram e sustentaram os combatentes. Esta unidade do povo com seus soldados é uma grande conquista da Revolução Albanesa. Depois da libertação, povo e exército auxiliam-se mutuamente. "A picareta

(Continua na página 4)

Continuação da página 3

em u'a mão e o fuzil na outra" é o lema das massas trabalhadoras da Albânia Socialista.

Um exército desse tipo não foi improvisado. Sempre teve bons comandantes, intensa vida política, elevada educação ideológica, sempre procurou aperfeiçoar seus conhecimentos técnicos para o combate e o manejo das armas. As batalhas somente podem ser ganhas pelas forças armadas progressistas, se estas tiverem moral superior, alta consciência política e domínio da arte militar. Precisamente porque lutava por uma justa causa e possuía qualidades excepcionais foi que o Exército albanês, muito inferior em número e armamentos, derrotou as tropas nazistas de ocupação. Ele foi criado e dirigido pelo Partido do Trabalho da Albânia e por um líder da envergadura de Enver Hodja, seguiu desde o primeiro momento uma linha política e militar correta, baseada nos princípios do marxismo-leninismo. Deste modo refletiu, a partir de sua fundação, as gloriosas tradições e o espírito intrépido do povo, seu patriotismo, sua fidelidade à causa do socialismo e do internacionalismo proletário, aplicando com firmeza a orientação do Partido.

Na atualidade, a Albânia está empenhada na execução de um grandioso plano de edificação econômica, realiza gigantescos esforços para liquidar todos os estígmas do passado, fortalece e consolida o regime, tendo como perspectiva a completa construção da sociedade socialista. Sua política de paz e boa vizinhança é consequente. Ergue-se como bastião avançado da causa do socialismo na Europa. Levanta-se corajosamente em defesa do movimento revolucionário da classe operária e de todos os oprimidos que lutam por seus direitos. Seu prestígio internacional aumenta, suas palavras de estímulo e solidariedade aos que combatem a tirania e a exploração ressoam com vigor e enchem de esperança o coração dos povos amantes da liberdade. Por isso mesmo, atrai o ódio dos imperialistas, dos social-imperialistas e da reação mundial. Seus inimigos não perdem vaza para difamá-la e fazer-lhe ameaças.

A Albânia está permanentemente sob a mira das forças contrárias ao progresso da Humanidade. Cresce assim de importância o papel do seu Exército Popular. Novas, maiores e mais severas responsabilidades pesam sobre seus ombros. Estamos certos de que ele cumprirá em quaisquer circunstâncias sua nobre tarefa, destroçando todo adversário que ouse atacar sua Pátria.

Os comunistas brasileiros admiram o Exército albanês. De sua história, procuram aprender as melhores lições, sobretudo as de audácia na luta e de decisão no combate aos inimigos por mais poderosos que sejam. Seguindo seu exemplo, nosso povo poderá livrar-se da ditadura militar e da opressão imperialista. Acabará forjando um exército de novo tipo, diverso inteiramente do que hoje espezinha e humilha a nação, capaz de garantir as suas conquistas políticas e sociais.

Com entusiasmo, as forças populares do Brasil saúdam o Exército Popular da Albânia em seu 30º aniversário, e fazem votos para que prossiga na mesma senda, sempre mais digno de seu valoroso povo, da revolução e do socialismo.

Impõe-se a revolucionarização cada vez maior do Partido. Seus dirigentes e militantes precisam dedicar-se integralmente à tarefa de aplicar a orientação partidária. Cada comunista tem que organizar sua vida de maneira a consagrar o máximo de seu tempo ao Partido, transformar-se num autêntico soldado da causa do povo, pronto a executar qualquer atividade e onde quer que seja. Tem que evitar tudo que possa prejudicar sua militância revolucionária. Deve estar preparado, moral e ideologicamente, para arrostar todas as dificuldades e enfrentar todos os sacrifícios. Para ser um autêntico servidor do povo tem de subordinar sua vida e atividade às necessidades do Partido e da revolução, estar sempre pronto a realizar o trabalho mais difícil que a luta revolucionária exige.

("Responder ao Banditismo da Ditadura com a Intensificação das Lutas do Povo")

Acerca da Luta Antiimperialista

A questão da frente-única, dos métodos, da direção e das perspectivas da luta antiimperialista adquire importância cada vez maior. É problema fundamental para os revolucionários de todo o mundo. Nunca como hoje foi tão veemente à condenação do sistema que transformou um punhado de países ricos e altamente industrializados em exploradores e opressores da maioria da população do globo. Dos cinco Continentes erguem-se protestos contra a ação predatória e agressiva do capital monopolista. O desejo de progredir, de viver com liberdade, de sacudir o jugo estrangeiro e salvaguardar princípios de soberania e independência apoderou-se de muitas centenas de milhões de seres humanos. A luta antiimperialidta converteu-se num dos fenômenos mais relevantes da época contemporânea.

O Brasil e em geral a América Latina sofrem, desde o início do século, desenfreada espoliação dos trustes internacionais. Suas riquezas e boa parte do trabalho de seus filhos revertem em benefício de poderosas oligarquias financeiras, especialmente norte-americanas. O atraso, a ignorância, a pobreza de mais de 80% de seus habitantes, assim como a persistente reação política, são consequência, em larga medida, da dominação dos monopólios. As massas populares exprimem incessantemente sua inconformidade com esta situação e manifestam ardente aspiração de libertar-se.

Em torno do desenvolvimento da luta antiimperialista surgem diferentes concepções. Os oportunistas deturpam seu verdadeiro sentido, enganam as massas com soluções ilusórias e apresentam um quadro fictício da realidade. Difunde-se a idéia de que o imperialismo, debilitado depois da II Guerra, vai perdendo posição após posição, reduzindo-se por conseguinte o campo de atividade e o volume de sua exploração. Pouco a pouco, os povos estariam libertando-se por meios pacíficos da dominação estrangeira e construindo uma vida nova com liberdade e independência. Indica-se o exemplo de países do chamado Terceiro Mundo como prova de que a burguesia e até mesmo latifundiários são capazes de dirigir consequentemente o movimento de libertação nacional. Unindo-se num bloco independente - dizem - os países débeis, sob a direção dessas forças, conseguirão desenvolver-se plenamente e opor-se com decisão aos potentes monopólios. De semelhantes raciocínios desaparecem as diferenças de regimes sociais e a luta de classes, a revolução e a hegemonia do proletariado. A luta atual contra o imperialismo resume-se numa contenda genérica entre países atrasados, "em vias de desenvolvimento", e países ricos. A burguesia nacional na América Latina dá também sua versão do processo histórico em curso, procurando camuflar o caráter do regime que sustenta. Salvador Allende diz que no Chile há um sistema "em marcha para o socialismo". O general Alvarado declara que o Peru "superará todas as dificuldades sem apelar para o capitalismo ou o comunismo". E Peron enfatiza que a Argentina não se voltará "nem para o capitalismo nem para o coletivismo". A Igreja Católica trata, igualmente, de aparecer como corrente que pugna por uma sociedade mais humana, "nem capitalista nem totalitária".

Estas idéias não são propriamente novas. Há muito o renegado Tito defende a tese do não-alinhamento, apresentado como terceira posição entre o capitalismo e o socialismo. Kruschov, traidor da revolução, elaborou uma pretensa via não-capitalista para os países pouco desenvolvidos. Entre nós, durante muito tempo, o revisionista Prestes e seus seguidores impingiram a opinião de que o atual Estado brasileiro e suas Forças Armadas estavam-se democratizando gradativamente, tornando viável o caminho das "soluções positivas" e dos sucessivos governos burgueses nacionalistas para tornar o Brasil independente e próspero.

A vida demonstra a falsidade de tais conceitos. Eles constituem perigosas armadilhas contra os povos, sobretudo quando os imperialistas norte-americanos e os social-imperialistas soviéticos esforçam-se para disseminar ilusões numa hipotética era de paz e de concórdia internacional ao mesmo tempo que concertam alianças contra-revolucionárias para debilitar e esmagar a revolução em qualquer parte do mundo.

INTENSIFICA-SE A EXPLORAÇÃO IMPERIALISTA

Diminuiu ou tende a diminuir a exploração do capital financeiro internacional? Os fatos respondem negativamente. Embora o imperialismo tenha sofrido sérios golpes e se ache engolfado numa crise geral, continua exercendo sua dominação implacável sobre vastas áreas do globo terrestre. Operaram-se, sem dúvida, modificações quanto à forma de seu domínio. As colônias do velho tipo quase desapareceram. São poucas as que restam, pois a maior parte obteve autonomia formal neste último quarto de século. Atualmente predominam os países dotados de certa independência política. Nem por isso o imperialismo deixou de explorar feroz

Continuação da pág. 5

mente os povos. "O capital financeiro - escreveu Lênin - é uma força tão considerável, tão decisiva em todas as relações econômicas e internacionais, que é capaz de subordinar, e de fato subordina, inclusive os Estados que gozam de uma independência política completa". (O IMPERIALISMO, ETAPA SUPERIOR DO CAPITALISMO)

Basta examinar a situação atual dessas relações para ver que a imensa maioria das nações se encontra subjugada, de uma ou de outra maneira, pelos países ricos e poderosos. O antigo colonialismo vai sendo substituído pelo neocolonialismo e a exploração imperialista continua a ser praticada de modo mais racionalizado e tão ou mais intensamente que antes. Sob a influência do capital financeiro, algumas nações que haviam ingressado no caminho do socialismo voltaram a integrar-se na senda do capitalismo e sofreram mudanças em suas posições. A União Soviética é agora uma super-potência imperialista que converteu em satélites países da Europa Central e Oriental.

Devido ao controle que os monopólios realizam no mercado mundial, caem sempre mais os preços das matérias-primas e dos produtos de exportação dos países dependentes enquanto se elevam os dos bens por eles importados. A inversão de capitais monopolistas no exterior cresce de ano para ano. Estima-se em 180 bilhões de dólares os ativos dos trustes internacionais, que operam fora de suas fronteiras, carreando somas fabulosas dos países atrasados para as grandes metrópoles financeiras. Desse total, a metade pertence aos Estados Unidos. O valor contábil dos investimentos diretos norte-americanos no estrangeiro, elevou-se de 32 bilhões, em 1959, para 90 bilhões de dólares, em 1971. Isto sem adicionar 20 bilhões provenientes de reinvestimento de lucros, numa média de 1,5 bilhão anual. Grandes bancos dominam o mercado do dinheiro. Os empréstimos governamentais e bancários concedidos pelos imperialistas transformam a maior parte da população da Terra em devedora e vassala das grandes potências. Um relatório do Tribunal de Contas do Governo dos Estados Unidos, recentemente publicado, afirma que "oitenta países em desenvolvimento haviam acumulado até dezembro de 1970, mais de 66 bilhões de dólares de dívida externa". O pagamento dos juros e amortizações, diz o relatório, "aumentou perto de 6 bilhões de dólares", acrescentando ainda que "é de se esperar que esse tipo de pagamento continue crescendo". O monopólio prossegue sua marcha avassaladora. Trustes gigantescos, as empresas chamadas multinacionais, já participam de 15% do Produto Bruto Mundial. Calcula-se que, na próxima década, 300 dessas macroempresas estarão produzindo mais da metade das mercadorias e serviços de todo o mundo. As companhias multinacionais, sob controle direto das grandes potências, estão se tornando poderosas forças que se sobrepõem aos Estados fracos. O banqueiro norte-americano George Ball, que já foi sub-secretário de governo em Washington, escreveu num ensaio sobre a sociedade anônima de âmbito universal: "Como pode um governo nacional, com qualquer dose de confiança, fazer um plano econômico, se uma diretoria que se reune a cinco mil milhas de distância pode, alterando seu padrão de compra e produção, afetar de maneira importante a vida econômica do país?"

Nestes últimos anos, em virtude da oposição nacionalista crescente, os trustes vêm adotando o método de associação com os capitais de outros países ou dos lugares onde se vão fixar. Na América Latina, as empresas norte-americanas e japonesas, principalmente, estão aceitando menos de 100% da posse da propriedade. Consideram-se mais seguras e melhor aquinhoadas quando se unem em certa medida a capitais nacionais.

Assim, é evidente que não se restringiram o campo de atividade nem os negócios lucrativos do imperialismo no mundo. Modifica-se a forma, mas permanece intacto o conteúdo da sua dominação, cada vez mais opressiva e espoliadora.

Precisamente porque se intensificam a espoliação e o domínio dos países atrasados pelos mais ricos, avoluma-se a oposição ao imperialismo. Aprofunda-se a contradição entre dominadores e dominados, entre opressores e oprimidos, a revolução popular, nacional e democrática, coloca-se na ordem-do-dia. As nações débeis querem progredir, liquidar o subdesenvolvimento, afirmar-se soberanamente mas encontram as barreiras levantadas pelo capital financeiro. Brutalmente sacrificadas, as grandes massas vêem o resultado do seu trabalho e as riquezas do país passar às mãos dos trustes onipotentes. Sua consciência política se eleva e se traduz no vigoroso impulso que toma a luta de libertação nacional.

FRENTE ÚNICA NACIONAL / FRENTE DEMOCRÁTICA E ANTIIMPERIALISTA

Uma particularidade do atual movimento antiimperialista é que ele se desenrola preponderantemente nos países dependentes, ao contrário de períodos anteriores quando se desenvolvia fundamentalmente nas colônias e semicolônias. Antes havia mais lugar para a frente única nacional. Agora, impõe-se a frente democrática e antiimperialista. Constitui grave erro superestimar a idéia de uma frente única global, abrangendo todas as forças

Continuação da pag. 6

sociais dos países fracos, sem considerar o aprofundamento das contradições internas e a ligação estreita de boa parte de suas classes dominantes ao imperialismo. Objetivamen te, todos os países dependentes ou semicoloniais têm os mesmos problemas a resolver: de-sembaraçar-se da exploração estrangeira, liquidar a estrutura econômica retrógrada na qu esta exploração se assenta e implantar a democracia para as massas. Mas a realização desta obra histórica, indiscutivelmente de conteúdo burguês (pois se destina a soluciona tarefas nacionais e democráticas e não socialistas), cabe às forças revolucionárias da s ciedade.

Diferentemente das colônias, em que a nação ou quase toda a nação participa da luta emancipacionista e durante a qual não se destacam muito os interesses contraditóric internos, nos países em que o Estado nacional já foi formado, o movimento antiimperialis ta não mais reune a unanimidade nacional e, em seu curso, intensifica-se a luta de clas-ses, sobretudo onde o capitalismo tem maior penetração e onde existe forte concentração da propriedade agrícola. Os latifundiários servem de apoio aos monopólios que são, além de compradores de matérias-primas e produtos agro-pecuários de exportação, aliados no es magamento das revoltas de camponeses sem terra. Uma parte da burguesia junta-se aos opr sores, auxilía-os como "testa de ferro" na exploração do país ou como sócio menor em em-preendimentos que realizam. Outra parte manifesta-se contrária ao imperialismo mas prec niza no fundamental soluções reformistas, de compromisso com os imperialistas e a reaçãc interna. Os elementos revolucionários da sociedade, aqueles que se opõem decididamente à espoliação estrangeira e querem o progresso social, os que melhor refletem a contradi-ção que se aprofunda entre as nações atrasadas e as potências capitalistas, são os operá rios, os camponeses, a pequena burguesia urbana e, em certa medida, a média burguesia. E les representam de 85 a 95% da população. E para conseguir seus objetivos devem unir-se numa frente democrática e antiimperialista.

No Brasil, por exemplo, os latifundiários e boa parte da grande burguesia entre sam-se com os imperialistas, formam com eles um bloco voltado contra os interesses básic da nação. Este bloco tende a se reforçar ainda mais porque neste último decênio se ace tuou a tendência entre a grande burguesia em se associar ao capital alienígena. São num rosos atualmente os empresários brasileiros que, de um modo ou de outro, ligaram-se aos capitalistas do exterior. O governo de Castelo Branco, instalado com o golpe de 1964, e destacadamente, o de Garrastazu Médici revelaram-se como a expressão mais acabada dessa liança antinacional e antipopular. Sua política econômico-financeira tem como viga mes tra o capital que vem de fora e, através de brutal exploração dos trabalhadores, conduz concentração de rendas em poder de um pequeno grupo. Em virtude dessa orientação, o imp rialismo domina a economia do país, apossa-se de seus recursos naturais, obtém lucros as tronômicos. O Brasil, ao contrário do que alardeiam os corifeus do regime militar, tor-na-se cada vez mais dependente. Sua dívida externa já ultrapassa a cifra dos dez bilhõ de dólares. O desenvolvimento capitalista se faz em benefício dos trustes e dos setores a eles associados. Os operários têm seus salários reais diminuídos, os camponeses encor tram-se numa miséria maior, a pequena burguesia urbana vê suas dificuldades aumentadas. Os pequenos e médios industrais e comerciantes estão indo à falência e são esmagados pel tremenda carga dos impostos e pela concorrência dos mais fortes. Também a parte da gran de burguesia não ligada ao imperialismo é afetada por esta situação. Não consegue expan dir seus negócios, é forçada a ceder terreno às inciativas do capital mais poderoso. En tais circunstâncias, é natural que o alvo da luta antiimperialista se volte não apenas c tra os monopólios estrangeiros mas igualmente contra as forças da reação interna, contra a ditadura militar que representa os interesses conjugados dos monopolistas e dos reacionários brasileiros.

Nos países que recentemente alcançaram a independência e onde o conjunto da po-pulação se opõe ao colonialismo e quer garantir sua autonomia, ainda é possível, em det minada medida, a frente única nacional, como ocorre na África. Neles a luta se central za contra a volta ao passado de opróbrio e contra o racismo que significa a preponderân dos brancos colonialistas. Mas também no Continente Africano existem muitos países ond a luta antiimperialista não pode reunir a unanimidade da nação. Uma parcela, que em ral se encontra no Poder, está ao lado do imperialismo ou com ele concilia. Além disto o atraso da África tem como causa não só o domínio estrangeiro como igualmente a tirani feudal exercida sobre as grandes massas de sua população.

(Continua na página 8)

Continuação da página 7

REVOLUÇÃO OU CAMINHO PACÍFICO ?

Seria incorreto identificar o verdadeiro movimento democrático e antiimperialista com a política dos governos de países dependentes e semicoloniais, partindo de certas posições contrárias aos monopólios adotadas por esses governos. Em alguns casos esta identidade pode ocorrer, mas não é a regra. Se se admite tal incongruência, abandona-se a idéia da revolução e a frente-única passa a ser tão ampla que perde suas características, incluindo forças sumamente reacionárias.

É significativo o fato de prevalecerem nos países atrasados regimes políticos antipopulares. São poucos aqueles onde o povo desfruta de liberdades democráticas. Cada vez mais, as Forças Armadas se convertem numa espécie de novos partidos políticos e implantam ferozes ditaduras. No Brasil, Paraguai, Bolívia, Guatemala, Nicarágua, Haiti, Indonésia, Tailândia, Vietnã do Sul, Coréia do Sul, Filipinas, na Espanha, Portugal, Grécia, Turquia vigoram sistemas fascistas ou fascistizantes. Inúmeros países da África, da Ásia e do Oriente Médio são governados por déspotas. Em toda a parte, os patriotas são perseguidos, encarcerados ou assassinados, os movimentos de massas são cruelmente reprimidos. Mesmo onde há relativa liberdade, os governantes opõem-se por todos os meios às organizações revolucionárias, só admitem lutas que se enquadrem no âmbito do reformismo, que obedeçam à direção da burguesia. A repressão policial e militar que se estende numa escala sem precedente é consequência não só da pressão imperialista. Reflete também a traição das classes dominantes desses países ao verdadeiro movimento de libertação nacional.

Os povos somente podem liquidar a exploração e a opressão imperialistas trilhando o caminho da revolução. Esta tem que varrer os principais obstáculos ao progresso e à independência nacional, afastar do Poder as forças reacionárias, pôr à margem os setores conciliadores, liquidar a máquina burocrática, assegurar amplas liberdades para as massas e criar forças armadas populares. Embora levando em conta as particularidades de cada país, a experiência indica que não basta romper formalmente com o imperialismo ou simplesmente fazer-lhe oposição. A dominação prolongada dos monopólios deforma terrivelmente a economia nacional. É necessário realizar alterações radicais no regime econômico e na superestrutura estatal. Ambos estão adaptados à situação de dependência, não servem para a edificação de um regime progressista.

O caminho reformista e pacífico não conduz à total libertação. Geralmente leva ao fracasso o movimento antiimperialista. Exemplos destacados desse fracasso são o Brasil do período de Goulart e a Indonésia da época de Sukarno. Os governos desses países, sob a direção da burguesia reformista, foram derrubados facilmente e substituídos por ditaduras militares fascistas. As correntes que adotam semelhante caminho, quando conseguem alcançar o Poder são incapazes de esmagar a contra-revolução, de preparar política e praticamente o povo para a resistência democrática, de resolver os problemas básicos do país. Às vezes chegam a nacionalizar certos ramos da economia que se encontram controlados pelos monopólios. Contudo, sem complementar tais nacionalizações com medidas revolucionárias destinadas a modificar a velha estrutura, parcos resultados obtêm. E são submetidas a forte pressão externa, e também interna, exercida através de diferentes canais. Sua conciliação com as forças da reação e do imperialismo provoca um impasse e o aprofundamento da crise econômica, financeira e social da qual se aproveitam essas forças para derrubá-las do Poder.

Atualmente, na América Latina, é preciso ter em conta a tática seguida pelo imperialismo norte-americano. Quando estão no Poder as correntes burguesas nacionalistas, organiza o seu completo esvaziamento político, sua desmoralização e prepara-lhes a derrota. Corta-lhes os créditos, realiza bloqueios econômicos, exige o pagamento em prasos curtos das dívidas contraídas. Cria-lhes, nas condições em que atuam, uma situação insustentável. Mas aos países que lhe abrem as portas, como o Brasil, faz fluir uma torrente de dólares em empréstimos e investimentos diretos, estimulando um tipo de desenvolvimento que lhe é benéfico e ilude certos setores sociais. Estabelece o contraste entre um e outro país e trata de demonstrar que a única saída é a aliança com o imperialismo.

A DIREÇÃO DO MOVIMENTO ANTIIMPERIALISTA

A questão da revolução ou do caminho pacífico está relacionada com o problema da direção do movimento antiimperialista, da força social que pode dirigí-lo com êxito.

A burguesia – e menos ainda os latifundiários – não reune condições para colocar-se à frente da luta emancipadora e pelo progresso dos países atrasados. Onde o proletariado ergue-se como força independente, a burguesia deixa de ser revolucionária. Quando não se alia ao imperialismo, é fundamentalmente reformista. Teme mais a revolução popular do que a opressão estrangeira. Queixa-se, reclama, protesta, vota em algumas ocasiões nas

~~ASSEMBL~~ assembléias internacionais contra a orientação do capital financeiro, mas limita--se a medidas de pouco alcance. Há casos em que, ao mesmo tempo que ataca e condena o si tema imperialista, faz-lhe concessões extremamente nocivas aos interesses nacionais. O g verno burguês "nacionalista" do México, por exemplo, pôs em prática em 1966 o "Programa d Industrialização da Fronteira". Segundo esse programa, numa faixa de vinte quilômetros e torno dos limites com os Estados Unidos, as empresas estrangeiras podem criar filiais com 100% do seu capital de origem. A importação de equipamentos, de produtos semi-acabados e matérias-primas, desde que sirva à produção de manufaturados totalmente destinados à expor tação, está isenta de taxas alfandegárias. Em seis anos, foram aí instaladas 350 fábrica a grande maioria sob controle norte-americano. Os operários mexicanos que nelas trabalha ganham uma insignificância em relação ao salário pago nas Matrizes. Em 1970, levando em conta os encargos sociais, o custo horário de um operário de idêntica fábrica era, nos Es dos Unidos, US$ 4.26 contra US$ 0,51, no México.

Somente o proletariado pode ser o dirigente do movimento antiimperialista. Nenhu outra classe, na atualidade, tem maior interesse em levar até o fim a luta contra a reaçã e o imperialismo. Unicamente o proletariado pode imprimir firmeza e consequência a esse m vimento. Em aliança com os camponeses e agrupando em torno dessa aliança a pequena burgue sia urbana e demais setores democráticos e patrióticos da nação, constitui uma força pode-rosa, apta a destroçar os obstáculos que freiam o progresso e a construir uma nova vida. A circunstância de que, em muitos países, o proletariado não tenha ainda assumido essa posi-ção, devido à traição do revisionismo e ao longo predomínio do reformismo, não invalida a tese. Mais cedo ou mais tarde, o proletariado romperá com o oportunismo e se colocará à frente das massas populares para levá-las ao triunfo.

Mas o proletariado só cumprirá seu papel de vanguarda se for conduzido por seu partido de vanguarda, o Partido Comunista, ~~marxista-leninista~~ guiado pela teoria marxista-le-ninista. Politicamente, é o Partido quem expressa a direção da classe operária. Somente ele, corretamente orientado, traduz os interesses reais, presentes e futuros, dos trabal dores explorados e oprimidos pelo capitalismo. Sem seu partido autenticamente revolucion rio e a ele vinculada, a classe operária é massa de manobra dos demagogos ou simples auxi-liar da burguesia. O Partido Comunista é capaz de reunir a experiência e os conhecimento necessários para dirigir com justeza a luta libertadora.

Não é por acaso que o imperialismo, o social-imperialismo e a reação concentram seus ataques contra os marxistas-leninistas aos quais perseguem, encarceram e matam. A burguesia convive bem com os revisionistas, marcha de braços dados com eles porque ~~ajudam~~ lhe ajudam a corromper a consciência do proletariado. A campanha de âmbito mundial empre-endida em todos os terrenos contra o marxismo-leninismo e contra os verdadeiros partidos da classe operária visa precisamente a impedir que esta classe cumpra sua missão dirigent na revolução.

Por isso, reforçar os autênticos partidos comunistas e envidar esforços para li-gá-los estreitamente às massas, apoiá-los e ajudá-los de todas as formas, assim como defe der o marxismo-leninismo e desmascarar as teorias oportunistas - é tarefa revolucionária essencial da época presente. Não compreender esta questão ou contorná-la sob o pretexto de ampliar a frente-única, é cair em posição oportunista de direita, perder a visão cor-reta da marcha dos acontecimentos históricos.

A direção da classe operária impõe-se, além do mais, porque dela deriva a única justa perspectiva para o movimento ~~anti~~ antiimperialista.

PERSPECTIVA BURGUESA OU SOCIALISTA ?

Lênin afirmou ser reacionário buscar solução para os males do imperialismo noutr coisa que não seja a consequência natural e inevitável do seu desenvolvimento. Depois qu o capitalismo chegou à fase monopolista, um novo passo adiante no sentido da História lev ao regime socialista. Não existe escala intermédia. O imperialismo - disse o grande mes-tre e chefe ~~imorta~~ imortal do proletariado - é a ante-sala do socialismo.

É falsa, tanto teórica como politicamente, a perspectiva de terceira posição apr sentada por certas correntes ao movimento antiimperialista. Corresponde em certa medida aos anseios da burguesia dos países atrasados, mas é inviável, reacionária. Sua concreti-zação significaria uma volta à época do capitalismo pré-monopolista.

A oposição da burguesia nacionalista ao imperialismo não visa à liquidação desse sistema, mas à sua "reforma". Quer que os países ricos ajudem os mais pobres a se desen-volver, que os mais poderosos abram seus mercados para a colocação de manufaturados dos mais débeis, que elevem os preços de compra das matérias-primas. Almejam que os monopól

permitam a nacionalização de empresas estrangeiras sem tomar represálias, que deixem de intervir na vida dos países fracos. Aspira a que os governos das grandes potências não ameacem nem agridam os povos que buscam sair do seu controle. Em suma, pretende que o imperialismo deixe de ser imperialismo. A alta hierarquia da Igreja Católica reflete esse ponto-de-vista quando lança encíclicas condenando o abismo cada dia maior que separa os países ricos dos mais pobres e apela para que os primeiros, de motu próprio, auxiliem os segundos.

Vãos e piedosos desejos ! Os monopólios constituem o ponto mais alto e final do desenvolvimento do capitalismo e sua natureza é imutável. Enquanto existir, o capital financeiro não se destina a beneficiar os países mais fracos, a acudir os povos, a melhorar as condições de existência das massas. Seu objetivo é o lucro máximo, a exploração desbragada, a opressão das nações. Para atingir seus fins recorre ao fascismo, às agressões econômicas e às guerras. Arma-se até os dentes, armazena os mais sofisticados engenhos de destruição a fim de ameaçar, chantagear e impor sua dominação no mundo. Hoje, Estados Unidos e União Soviética arvoram-se em árbitros dos destinos dos povos, estabelecem uma aliança visando a dividir o globo em áreas de sua influência, organizam verdadeiros complôs contra a liberdade e a independência das nações.

É utópico acreditar que os países considerados em vias de desenvolvimento poderão, realizando uma suposta política antiimperialista sob a direção da burguesia, progredir plenamente com a ajuda e ao lado das grandes potências e chegar a ser realmente soberanos. Reinando o imperialismo, haverá nações fortes e fracas, nações opressoras e oprimidas. Produtos irreversíveis do capitalismo, o monopólio e o capital financeiro não serão suprimidos senão com a derrocada desse sistema. As contradições engendradas pelo imperialismo, sempre mais agudas, não serão superadas pela conciliação de seus dois aspectos antagônicos, mas pela revolução violenta.

A verdadeira perspectiva do movimento antiimperialista só pode ser o socialismo. Lênin afirmou que "sem o triunfo sobre o capitalismo é impossível suprimir a opressão nacional e a desigualdade de direitos" e que "a salvação para as nações dependentes e débeis" é a união de repúblicas socialistas. (ESBOÇO INICIAL DAS TESES SOBRE O PROBLEMA NACIONAL E COLONIAL). Em seu famoso livro "O Imperialismo, Etapa Superior do Capitalismo" ele demonstrou que a economia capitalista mundial está organizada de tal modo que torna impraticável a completa liberdade das nações e o respeito aos seus direitos fundamentais. Enquanto permanecerem na esfera das relações criadas pelo capital monopolista e estiverem sujeitas às suas draconianas leis objetivas, as nações fracas não conseguirão ser livres e progredir de maneira independente.

Por isso, a classe operária deve conduzir a luta antiimperialista às últimas consequências. Repudiando as soluções enganosas, tem o dever de revelar em profundidade o caráter rapace, opressor e agressivo do capital financeiro e desmascarar incessantemente a política das grandes potências, particularmente dos Estados Unidos e da União Soviética. Pode aliar-se em questões concretas, por período menor ou maior, à burguesia nacionalista mas não abdica da crítica aos seus métodos e propósitos, visando sempre a reforçar o caminho revolucionário.

O pequeno desenvolvimento das forças produtivas não constitui obstáculo ao avanço da revolução, desde que a classe operária a dirija com firmeza, aplicando uma política concorde com a realidade concreta do país. Os exemplos da China e da Albânia são bastante elucidativos e convincentes. Apesar de seu grande atraso, estes países não tiveram que passar por nenhuma fase intermediária depois de levar a termo a primeira etapa do movimento revolucionário. Sob a direção do proletariado e do seu partido de vanguarda, a revolução popular, democrática e antiimperialista, uma vez vitoriosa evoluiu normalmente para um regime socialista. E dessa forma garantiu a independência nacional, possibilitou a conquista de enormes êxitos nos campos econômico, político e social, assegurou o crescente bem-estar das massas - objetivo supremo da luta revolucionária.

AMADURECE CADA VEZ MAIS A REVOLUÇÃO

A direção da classe operária e a perspectiva socialista não devem, no entanto, ser confundidas com posições aventureiras ou sectárias. A revolução democrática e antiimperialista é de natureza diversa da socialista. Sua realização demanda a criação de uma ampla frente abarcando os operários, os camponeses, a pequena burguesia urbana, a intelectualidade progressista, a parte da burguesia não ligada ao imperialismo e outros setores patrióticos. Seu programa propõe-se a alcançar a verdadeira independência nacional, a solução do problema agrário, a liberdade, o progresso e a cultura. Seus métodos de luta vão desde as greves e manifestações de rua às ações armadas. A guerra popular é o caminho seguro da vitória.

(CONTINUA NA PÁGINA 11)

Continuação da página 10

Esta revolução está em marcha nos países dependentes, coloniais e semicoloniais
nada poderá detê-la. Apesar dos esforços do imperialismo e do social-imperialismo para e
magá-lo, da disseminação de falsas teorias e da atividade dos reformistas, o movimento re
volucionário avança. A dupla opressão - a externa e a interna - agrava seriamente a situ
ção das grandes massas, aguça e precipita a crise revolucionária, impele os povos para po
sições radicais. Em tempo algum o planeta apresentou um quadro político tão convulsionad
Surgem, em massa, exemplos magníficos de heroísmo e espírito de sacrifício. O Vietnã, o
Laos e o Camboja comoveram o mundo com sua bravura legendária na guerra de resistência ao
imperialismo norte-americano. As ações armadas espraiam-se por todos os Continentes. Há
guerrilhas em Angola, Guiné Bissau e Moçambique; na Rodésia e na Nanibia; na Indonésia, T
lândia, Malásia, Birmânia, Filipinas; no Golfo Pérsico e nas terras ocupadas por Israel;
Irlanda do Norte. E também na Colômbia, Guatemala, Venezuela, México, Brasil. Tais guerr
lhas nem sempre são poderosas. Às vezes estão dando os primeiros passos. Mas representa
o espírito de revolta dos povos. São focos do grande incêndio que há-de modificar por com
pleto a fisionomia do globo terrestre. Juntamente com a luta armada, irrompem combativos
movimentos de massas contra o imperialismo e a reação que mobilizam gigantescas forças po
pulares. Ainda que em muitos lugares boa parte das massas esteja sob a influência da bur
guesia, estes movimentos constituem verdadeiras explosões revolucionárias. O nível das
lutas eleva-se mais e mais, o anseio da revolução vai-se tornando um sentimento generali-
zado e irreprimível dos povos.

O desenvolvimento exitoso dessa luta exige uma tática ampla e flexível que leve
em conta a correlação de forças nacionais e internacionais em cada mo
mento, o poderio do inimigo e sua capacidade de manobra, o estado de espírito das massas
sua passagem para o campo da revolução, que assegure aliados, mesmo temporários, as corre
tes progressistas. Reclama uma tática combativa, como assinalou com plena razão o camara
da Enver Hodja, que ajude, cada dia e cada hora, a concretização da estratégia revolucio-
nária e eleve constantemente a consciência política das massas.

Do ponto-de-vista político é falso pôr um sinal de igualdade entre um governo qu
permite determinadas liberdades democráticas e toma medidas restritivas ao imperialismo e
uma ditadura fascista que nega os mais elementares direitos do povo e favorece os monopó-
lios estrangeiros. Quando o capitalismo se decompõe sempre mais e a burguesia restringe
incessantemente a vida democrática, a defesa da liberdade e da independencia nacio -
nal adquire enorme significação, é uma grande bandeira nas mãos das correntes populares.
O movimento revolucionário não pode concordar com a tese de que as liberdades democrátic
constituem um estorvo, e um regime representativo é pior do que uma ditadura aberta. O-
põe-se firmemente aos golpes militares e à implantação de regimes ditatoriais, mobiliza
massas para defender os direitos democráticos e compreende que a existência destes facil
ta a luta antiimperialista. Também não deve se colocar à margem da vida política em cur-
so nos países onde há governos reformistas, pois para convencer as massas da justeza das
posições revolucionárias não basta criticar a orientação, denunciar a inconsequência e r
velar o caráter conciliador desses governos. Incumbe-lhe disputar na ação política quo
tidiana o apoio das massas, ajudá-las a fazer sua própria experiência e prepará-las em t
dos os terrenos para enfrentar a violência contra-revolucionária com a violência revoluc
nária.

O movimento antiimperialista não avançará sem desmascarar o oportunismo de dire
ta e o de "esquerda". Lênin descobriu os laços que unem o imperialismo ao oportunismo.
Mostrou que na medida em que se intensifica a luta das potências imperialistas pelo domí
nio do mundo, se reforça a tendência oportunista numa parte da classe operária, corrompi
da pelas propinas do capital financeiro. Daí ter concluído que a luta contra o imperia-
lismo desligada do combate ao oportunismo é falsa, vazia. Os revisionistas contemporâ-
neos são agentes da burguesia no movimento operário. Pregam o reformismo, consideram po
sível alcançar a verdadeira independência e o progresso social por meios pacíficos, parl
mentares, pela restrição paulatina da influência dos imperialistas e das forças mais rea
cionárias. Difundem ilusões sobre o pseudo-antiimperialismo da União Soviética. Tratam
de subordinar a luta dos povos oprimidos aos planos do social-imperialismo soviético, tã
voraz quanto o norte-americano. Os revisionistas renegaram a revolução, traem a luta e-
mancipadora. Também são profundamente nocivos à causa revolucionária os grupos trotsquis
tas, com sua concepção ultra-esquerdista, negadora da realidade e das etapas ne
cessárias da revolução, com seus métodos de ação aventureiros, desvinculados das massas.
Eles contribuem para o malogro das forças populares e auxiliam, objetivamente, o imperia

(Continua na pag. 12)

Continuação da página 11

lismo e a reação.

°
° °
°

Tem brilhante futuro a grande luta democrática e libertadora que se desenrola em escala mundial. Vivemos na época histórica em que o imperialismo tem seus dias contados e a revolução e o socialismo acercam-se do triunfo. Os povos oprimidos conquistarão a vitória se não seguirem a trilha enganosa do reformismo burguês, se não alimentarem ilusões em governos reacionários com disfarces liberais, se se unirem estreitamente com o movimento revolucionário proletário mundial.

A bandeira da emancipação será levada adiante pelas forças sociais e políticas que querem efetivamente a revolução. E a estrela polar que ilumina sua rota gloriosa é o marxismo-leninismo.

Amplia-se a Luta Popular

A ditadura continua realizando esforços desesperados para esmagar a resistência armada do sul do Pará. Sua violência atinge áreas cada vez mais amplas, despertando o ódio da população e motivando protestos de toda a ordem.

Os agentes da repressão, em virtude do apoio que as massas vêm dando aos combatentes do Araguaia, intensificam a perseguição aos lavradores. Em alguns povoados, a brutalidade militar vai desde a invasão de casas até o bombardeio com napalm. Em Marabá e outras localidades situadas à margem do Tocantins e do Araguaia, os moradores estão sujeitos a rígido controle policial. As prisões se sucedem e muitas pessoas têm sido bestialmente seviciadas.

Ainda há pouco, dois mil trabalhadores do campo protestaram, através do Sindicato Rural de Conceição do Araguaia, contra a espoliação de suas terras e as condições subumanas de existência. Acusaram a Delegacia Regional do INCRA em Araguaína de cooperar abertamente com os fazendeiros e grileiros de Goiás, na fronteira com o Pará, para obrigar os posseiros a abandonar os lugares onde residem há muitos anos. "Não temos para onde ir", dizem os lavradores, que reclamam o direito de fazer suas roças.

Até a Igreja é alcançada pela sanha policial. O padre Francisco Jentel foi condenado pela Justiça Militar a dez anos de reclusão por ter se colocado ao lado dos posseiros que, em Santa Terezinha, se opuseram à campanha da CODEARA de usurpação das terras em que trabalhavam. Agora é a vez do bispo de S. Félix do Araguaia, d. Pedro Casaldáliga, e das freiras da Fraternidade Père Foucauld. Segundo comunicado da CNBB, o bispo e as freiras foram virtualmente presos, pois os policiais cercaram suas residências, impedindo-os de sair ou de receber visitas. Nove pessoas que ajudavam o bispo nos afazeres da Prelazia foram detidas e sujeitas à severa incomunicabilidade. Algumas semanas antes, os arquivos da sede do bispado, em S. Félix, tinham sido revistados à força e fotografados por autoridades federais.

Ao mesmo tempo que investem contra o povo da região, os militares desenvolvem atividades bélicas na zona guerrilheira. Recrutam jovens em Marabá e Imperatriz para preencher os efetivos dos Batalhões de Infantaria da Selva criados o ano passado. É grande a movimentação de tropas. Os contingentes do Exército são substituídos cada 2 ou 3 meses. Registram-se numerosas baixas provocadas tanto nos choques com os guerrilheiros como devido à malária e outras doenças locais. Os comandantes da Operação Antiguerrilha verificaram que o emprego da tática de "matar de um a um" não deu os resultados esperados. Fazem atualmente concentração de forças para novos ataques aos combatentes da selva.

A Transamazônica e a PA-70 estão fortemente policiadas. Todos os veículos que nelas transitam e seus passageiros sofrem meticulosa revista. Soldados embalados apreendem até pequenos canivetes dos viajantes. Em reportagem de 10 do corrente, o Jornal da Tarde, de S. Paulo, deu uma idéia do clima reinante em Marabá e localidades vizinhas à região onde operam as guerrilhas. A uma pergunta do jornalista sobre o por quê da revista no onibus, o soldado respondeu: "São problemas sérios que estão acontecendo nesta região". E um passageiro comentou: "a estrada está cheia de soldados". A censura à imprensa e a outros meios de divulgação torna-se mais drástica. É expressamente proibido tratar dos acontecimentos em curso no Pará.

Mas as Forças Guerrilheiras do Araguaia não se deixam esmagar. Mantêm-se firmes em defesa dos direitos do povo. Adquirem maior experiência e se reforçam. Suas façanhas repercutem intensamente em vastas áreas do território nacional, atraindo a simpatia e o apoio das massas. Quanto mais a reação se desmanda na violência contra a população local, mais cresce o prestígio da guerrilha e dos lutadores pela liberdade. Não há força capaz de destruir a resistência armada popular que se avoluma no Norte do país.